



EGEAC



Casa
Fernando
Pessoa

CENTRO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA DA LEITURA

MARGARIDA VALE DE GATO ✦ VASCO GATO ✦ RAQUEL NOBRE GUERRA ✦ REGI
UIMARÃES ✦ DANIEL JONAS ✦ NUNO JÚDICE ✦ FILIPA LEAL ✦ MIGUEL-MAN
ANA MARTINS MARQUES ✦ ELISABETE MARQUES ✦ RICARDO MARQUES
ROSA MARIA MARTELO ✦ MIGUEL MARTINS ✦ LUÍS FILIPE CASTRO MENDES
OSÉ VIALE MOUTINHO ✦ ROSA OLIVEIRA ✦ MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA
ALBERTO PIMENTA ✦ LUÍS QUINTAIS ✦ JAIME ROCHA ✦ CLÁUDIA R. SAMPAIO
ÃO PAULO ESTEVES DA SILVA ✦ ANA PAULA TAVARES ✦ ANDRÉ TECEDRO
ATARINA NUNES DE ALMEIDA ✦ ANA LUÍSA AMARAL ✦ FERNANDO PINTO I
MARAL ✦ JOSÉ CARLOS BARROS ✦ MATILDE CAMPILHO ✦ MIGUEL CARDOSO
ITA TABORDA DUARTE ✦ PEDRO EIRAS ✦ TATIANA FAIA ✦ ANDREIA C. FARIA
MARGARIDA VALE DE GATO ✦ VASCO GATO ✦ RAQUEL NOBRE GUERRA ✦ REGI
UIMARÃES ✦ DANIEL JONAS ✦ NUNO JÚDICE ✦ FILIPA LEAL ✦ MIGUEL-MAN
ANA MARTINS MARQUES ✦ ELISABETE MARQUES ✦ RICARDO MARQUES
ROSA MARIA MARTELO ✦ MIGUEL MARTINS ✦ LUÍS FILIPE CASTRO MENDES
OSÉ VIALE MOUTINHO ✦ ROSA OLIVEIRA ✦ MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA
ALBERTO PIMENTA ✦ LUÍS QUINTAIS ✦ JAIME ROCHA ✦ CLÁUDIA R. SAMPAIO
ÃO PAULO ESTEVES DA SILVA ✦ ANA PAULA TAVARES ✦ ANDRÉ TECEDRO
ATARINA NUNES DE ALMEIDA ✦ ANA LUÍSA AMARAL ✦ FERNANDO PINTO I
MARAL ✦ JOSÉ CARLOS BARROS ✦ MATILDE CAMPILHO ✦ MIGUEL CARDOSO
ITA TABORDA DUARTE ✦ PEDRO EIRAS ✦ TATIANA FAIA ✦ ANDREIA C. FARIA
MARGARIDA VALE DE GATO ✦ VASCO GATO ✦ RAQUEL NOBRE GUERRA ✦ REGI
UIMARÃES ✦ DANIEL JONAS ✦ NUNO JÚDICE ✦ FILIPA LEAL ✦ MIGUEL-MAN
ANA MARTINS MARQUES ✦ ELISABETE MARQUES ✦ RICARDO MARQUES
ROSA MARIA MARTELO ✦ MIGUEL MARTINS ✦ LUÍS FILIPE CASTRO MENDES
OSÉ VIALE MOUTINHO ✦ ROSA OLIVEIRA ✦ MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA
ALBERTO PIMENTA ✦ LUÍS QUINTAIS ✦ JAIME ROCHA ✦ CLÁUDIA R. SAMPAIO
ÃO PAULO ESTEVES DA SILVA ✦ ANA PAULA TAVARES ✦ ANDRÉ TECEDRO
ATARINA NUNES DE ALMEIDA ✦ ANA LUÍSA AMARAL ✦ FERNANDO PINTO I
MARAL ✦ JOSÉ CARLOS BARROS ✦ MATILDE CAMPILHO ✦ MIGUEL CARDOSO
ITA TABORDA DUARTE ✦ PEDRO EIRAS ✦ TATIANA FAIA ✦ ANDREIA C. FARIA

POETAS DE DANTE

Vivita
Manguel

PREFÁCIO DE
ALBERTO MANGUEL

POSFÁCIO DE
ANTÓNIO MEGA FERREIRA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXI

ÍNDICE

© 2021, Autores, Casa Fernando Pessoa,
Centro de Estudos de História da Leitura e
Edições Tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29«
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Poetas de Dante — Visita ao Inferno*
Autores: AAVV
Tradução: Jorge Vaz de Carvalho (© INCM)
Nota Introdutória: Clara Riso
Prefácio: Alberto Manguel
Posfácio: António Mega Ferreira
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

A tradução da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri
(trad. Jorge Vaz de Carvalho), utilizada nesta edição
foi originalmente publicada pela Imprensa Nacional,
na coleção «Itálica» (dir. António Mega Ferreira).

AGRADECIMENTO:

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

1.ª edição: Dezembro de 2021

ISBN 978-989-671-660-8
DEPÓSITO LEGAL N.º: 491713/21

<i>Uma conversa com 700 anos</i> , Clara Riso	7
<i>Um Inferno português</i> , Alberto Manguel	II
CANTO I: NUNO JÚDICE	17
CANTO 2: CATARINA NUNES DE ALMEIDA	25
CANTO 3: LUÍS QUINTAIS	33
CANTO 4: TATIANA FAIA	43
CANTO 5: ANA MARTINS MARQUES	59
CANTO 6: MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA	71
CANTO 7: ROSA OLIVEIRA	79
CANTO 8: CLÁUDIA R. SAMPAIO	89
CANTO 9: REGINA GUIMARÃES	101
CANTO 10: ANDREIA C. FARIA	113
CANTO 11: ELISABETE MARQUES	121
CANTO 12: MIGUEL MARTINS	129
CANTO 13: RICARDO MARQUES	137
CANTO 14: ANA PAULA TAVARES	151
CANTO 15: JOSÉ CARLOS BARROS	161
CANTO 16: PEDRO EIRAS	171
CANTO 17: LUÍS FILIPE CASTRO MENDES	185
CANTO 18: MARGARIDA VALE DE GATO	195
CANTO 19: DANIEL JONAS	207
CANTO 20: ANA LUÍSA AMARAL	215
CANTO 21: ROSA MARIA MARTELO	225
CANTO 22: MIGUEL CARDOSO	233
CANTO 23: JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA	249
CANTO 24: VASCO GATO	263

CANTO 25:	RITA TABORDA DUARTE	277
CANTO 26:	MIGUEL-MANSO	291
CANTO 27:	ANDRÉ TECEDEIRO	301
CANTO 28:	JOSÉ VIALE MOUTINHO	309
CANTO 29:	RAQUEL NOBRE GUERRA	319
CANTO 30:	FILIPA LEAL	333
CANTO 31:	JAIME ROCHA	343
CANTO 32:	MATILDE CAMPILHO	355
CANTO 33:	ALBERTO PIMENTA	367
CANTO 34:	FERNANDO PINTO DO AMARAL	383
<i>O Inferno começa aqui</i> , António Mega Ferreira		395

UMA CONVERSA COM 700 ANOS

Ao longo dos séculos, *A Divina Comédia* tem provocado respostas e reacções entre leitores de diferentes ofícios. Pintores, escultores, músicos e encenadores partem das páginas da *Comédia* para transformar o texto lido em figuras de outros modos de fazer. Dão forma — palpável, visível, sensível — ao apelo que a leitura lhes lança, apropriam-se do texto de Dante e sopram nele o ar do tempo e do lugar em que vivem. Assim também na literatura, na poesia.

Alberto Manguel, então recém-chegado a Lisboa para dirigir o futuro Centro de Estudos de História da Leitura, teve a ideia de convidar 34 poetas para que reescrevessem os Cantos do Inferno de Dante, quando passam 700 anos sobre a morte do poeta. Teríamos assim, no final, um cântico em português, que poderíamos então ler como parte de uma possível *Comédia* daqui e de hoje.

Para chegar ao contacto com os poetas e para fazer tentativas de distribuição dos Cantos, a Casa Fernando Pessoa foi considerada boa interlocutora. Assim, começámos a juntar nomes de poetas, procurando chegar a diferentes formas de relação com a escrita e prevendo diferentes modos de ler o clássico de Dante, sem escapar às dificuldades a que a selecção sempre obriga.

O convite seguiu para os poetas, explicando a proposta e a sua única condição: que o novo texto não fosse mais longo do que o Canto a que responde. Penso que, na maior parte dos casos, assim são os novos poemas que se reúnem neste

volume: livres reacções à leitura. Na carta-convite, dizíamos disponíveis para conversar com cada poeta sobre o Canto que lhe havia cabido em sorte. Várias dessas conversas contribuíram para chegar à corrente de correspondências que se encontra neste livro e que, podemos dizer, tem por base a ideia de uma comunidade de leitores.

Antes de cada um dos novos poemas encontra-se a tradução do Canto correspondente, feita por Jorge Vaz de Carvalho para a recente edição de *A Divina Comédia* publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Setembro de 2021), integrada na colecção «Itálica». Ao tradutor e ao editor, o nosso grande agradecimento. Agradecemos também a António Mega Ferreira, coordenador da colecção «Itálica» e leitor fascinado da *Comédia*, o posfácio incluído neste volume.

Para a Casa Fernando Pessoa foi um gosto participar na preparação desta edição: uma forma de estar em contacto com os poetas, acompanhando-os na sua oficina, e uma forma de entrar na conversa sobre a leitura de poesia que este livro também é.

Clara Riso

Lisboa, Novembro de 2021

P R E F Á C I O

ALBERTO MANGUEL

UM INFERNO PORTUGUÊS

No início do 2021, percebendo que se assinalava o 700.º aniversário da morte de Dante, o Centro de Estudos de História da Leitura e a Casa Fernando Pessoa decidiram homenagear o poeta milagroso com uma série de versões, da autoria de 34 poetas de língua portuguesa, dos 34 cantos do *Inferno*. Dante estruturou a *Divina Comédia* com base no número 3: três partes — *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso* — com 33 *terzinas* cada (uma *terzina* é um terceto rimado que Dante inventou para o seu poema). O primeiro canto é uma espécie de prólogo do livro e eleva o total ao número perfeito de 100 *terzinas*. Clara Riso (directora da Casa Fernando Pessoa) e eu próprio pedimos aos poetas que ecoassem ou respondessem aos versos de Dante na linguagem do nosso tempo, no seu estilo e com o seu entendimento da história de Dante. Como é óbvio, não podiam reproduzir-se as circunstâncias da criação da *Divina Comédia*: os primeiros anos de Dante, a sua educação poética, a experiência como soldado e diplomata, o infame exílio. Mas talvez um poeta, mesmo quando separado de Dante por um abismo de sete séculos, possa responder-lhe aos versos, a partir do seu lugar e do seu tempo, noutra língua, um pouco como a alma de Virgílio — «quem por longo silêncio julguei rouco» («*per lungo silenzio pareo fioco*») — é capaz de conversar com Dante. Um poeta pode indubitavelmente erguer a voz na presença de outro poeta e juntar-se à sinfonia colectiva. Como escreveu Fernando Pessoa: «Minha alma é uma orquestra oculta; não sei que instrumentos tangem e rangem, cordas e harpas,

timbales e tambores, dentro de mim. Só me conheço como sinfonia.»

Mas que sabem os poetas acerca das suas criações? Exceptuando racionalizações *post partum*, como «A Filosofia da Composição» de Poe ou a atribuição da culpa à pessoa de Porlock da parte de Coleridge, não há muitas confissões de como o truque funciona, e mesmo as que temos raramente convencem, talvez porque, bem no fundo, todos os bardos sejam na verdade artesãos plenos de dúvidas, e duvidosos, com pouca ou nenhuma ideia de como aconteceu essa coisa da criação. Dante, porém, estava claramente ciente do que alcançava à medida que trabalhava na sua *Divina Comédia*. Raras vezes houve um poeta tão consciente do seu ofício, de como os seus pensamentos eram fielmente incarnados pelas palavras, tanto no sentido como no som. Não me ocorre outro poeta que, com tamanha arrogância, desafie os seus leitores a segui-lo para o mar da invenção e da descoberta que ele próprio atravessa pela primeira vez, enquanto nos diz orgulhosamente para «girar em torno», porque os nossos insignificantes ofícios (tirando uns poucos, uns felizes poucos) não podem cruzar o oceano que ele está prestes a transpor: «O pélagos evitai», avisa-nos no início do *Paraíso*, «que, em me perdendo, vosso rumo talvez tereis perdido.» Que descaramento poético, que confiança absoluta na arte poética são necessários para Dante nos dizer que é recebido entre os habitantes do Nobre Castelo do Primeiro Círculo do Inferno — Homero, Horácio, Lucano, Ovídio, o próprio Virgílio —, que o consagraram como «sexto entre tantos sabedores»? E isto nos meros quatro primeiros cantos do poema que, com lógica circular, atestará a verdade da sua afirmação colossal. E não

é tudo. Dante testa o leitor ainda mais, jurando, por «esta nossa comédia e por seus versos», que o que descreverá a seguir (no Canto XVII do *Inferno*) — a aparição da monstruosa alegoria da fraude — é verdadeiro. Ficamos com este dilema: ou acreditamos na verdade dos cantos precedentes, tão convincentes na sua beleza e honestidade poética, e por conseguinte aceitamos a verdade da fraude (fraude material e imaginativa, *i.e.*, falsificação e ficção) ou paramos de ler e fechamos o livro. «*Errori non falsi*» («não falsos erros»), chama-lhes Dante mais à frente, no sentido em que Cocteau se definiu como «uma mentira que conta a verdade». Neste complexo labirinto de história fictícia e sentido profundamente honesto em que nos pede que acreditemos em «seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço», que devemos nós, leitores, mesmo os melhores dos leitores, fazer?

Trinta e quatro poetas de língua portuguesa tentaram responder a esta questão criando cada um deles um poema original em diálogo com um canto específico do *Inferno* de Dante. O livro que se segue é uma recolha destas tentativas impossíveis. Não me ocorre melhor maneira de prestar homenagem ao que é talvez o maior poema jamais escrito.

Lisboa, Outubro de 2021

POETAS DE
DANTE

CANTO I

NUNO JÚDICE

Cada um dos poemas originais que se
seguem é precedido pelo canto a que
«responde», grafado em itálico.

CANTO I

No meio do caminho em nossa vida
eu me encontrei por uma selva escura,
pois que a direita via era perdida.
Ai, quão dizer como era é coisa dura
esta selva selvagem e aspra e forte
que no pensar renova a tremura!
Tanto é amarga que pouco é mais morte;
mas p'ra tratar do bem que aí achei,
darei de coisas vistas de outra sorte.
Não sei bem redizer lá como entrei,
tão pleno era de sono o meu estado
que a verdadeira via abandonei.
Mas tendo ao pé de um monte então chegado,
lá onde terminava aquele val'
que o cor me pôs de medo contristado,
olhei o alto e vi o seu dorsal
vestido já dos raios do planeta
que leva em reta via cada qual.
Então fez-se a tremura um pouco quieta,
que no lago do cor me persistira
a noite que eu passei tão inquieta.
E como aquele que a arfar respira,
pois já na riba ao pélago se esquiva,
se volta à água perigosa e mira,
assim minh' alma, ainda fugitiva,
volveu-se atrás a remirar o passo
que não deixou jamais pessoa viva.

Pois repousado um pouco o corpo lasso,
retomei via p'la praia deserta,
sempre o pé firme o mais baixo no espaço.
E eis, quase ao começar a encosta, alerta,
onça ligeira e veloz no posto,
que de manchado pelo era coberta;
e não se me partia de ante o rosto,
mas me impedia a via de destino,
tal que virei a retornar disposto.
Tempo era do princípio matutino,
e o sol subia ao alto co' as estrelas
que eram com ele quando o amor divino
moveu primeiro aquelas coisas belas;
pois que de bem esperar me eram razão
da fera com a pele às mazelas
do tempo a hora e doce a estação;
mas não sem que pavor lá não me desse
a vista que me veio de um leão.
Este pensei que contra mim viesse
co' a testa alta e com fome raivosa,
que parecia o ar que del' tremesse.
E loba, que de tudo cobiçosa
surgia carregada na magreza,
e muita gente fez viver chorosa,
esta em mim pôs tamanha a graveza
com o pavor saído desta vista,
que eu perdi esperança da alteza.
E como aquele que com gosto aquista,
e chega o tempo que perder o faz,
que em todo o seu pensar chorando atrista;

assim me fez a besta que é sem paz,
que, vindo-me ao encontro, pouco a pouco,
tornava-me onde o sol lá mudo jaz.

Enquanto eu desabava em baixo loco,
ante os meus olhos veio a descoberto
quem por longo silêncio julguei rouco.

Quando este vi naquele grão deserto,
«Miserere de mim», gritei-lhe eu,
«quem quer que sejas, sombra ou homem certo!»

«Não homem, fui já homem», respondeu,
«e eram lombardos, ambos mantuanos
por pátria a minha mãe e o padre meu.

Nasci sub Iulio, embora em tardos anos,
vivi em Roma sob o bom Augusto,
na vez dos deuses falsos e de enganoso.

Poeta fui, cantei aquele justo
filho de Anquises que veio de Troia,
pós o soberbo Ílion ser combusto.

Mas tu porque tornaste a tanta anóia?
porque não sobes o aprazível monte
princípio e razão de alegre joia?»

«És tu aquel' Virgílio, aquela fonte
que expande no falar tão largo flume?»,
lhe respondi com vergonhosa frente.

«Ó tu, dos mais poetas honra e lume,
valha-me o longo estudo e grande amor
que me fez procurar o teu volume.

Tu és o mestre meu e o meu autor,
tu és aquele só de quem colhi
o belo estilo que me deu honor.

Vê tu a besta por que eu me volvi;
famoso sábio, ajuda-me à coragem,
que veias, pulsos faz tremer em mi'.»

«A ti convém tomar outra viagem»,
me respondeu, pois viu-me lagrimar,
«se queres evitar lugar selvagem;
que esta besta, que te fez gritar,
passar não deixa em via sua alguém,
mas tanto impede que o pode matar;
natura tão malvada e crua tem,
que a avidez voraz nunca é saciada,
e após o pasto mais lhe a fome vem.

Com muitos animais é acasalada,
e mais serão, 'té que o lebréu virá
que a fará morrer adolorada.

Este nem terra ou peltre comerá,
mas sapiência, amor e mais virtude,
e entre feltro e feltro nascerá.

Será da humilde Itália a saúde
por que morreu a virginal Camila,
Turno, Eurialo e Niso em golpe rude.

Este a acossará por toda a vila,
até a ter reposto no inferno,
donde antes foi a inveja eximi-la.

Donde discirno que p'ra teu governo
deves seguir-me, e eu serei teu guia,
levar-te-ei daqui por loco eterno,
onde ouvirás aflita gritaria,
verás antigos 'spíritos dolentes,
cada a segunda morte injúria;

*e aqueles tu verás que estão contentes
no fogo, porque ainda esperam ir
juntar-se um dia às beatas gentes.
Às quais, depois, querendo tu subir,
alma há que mais do que eu tem dignidade:
com ela irei deixar-te em meu partir;
o imperador que reina em sumidade,
pois fui à sua lei rebelde herege,
não deixa ir por mim à sua cidade.
Em toda a parte impera e aqui rege;
aqui é sua cidade e alta sede:
oh, feliz esse que ele ali elege!»
E a ele eu: «Poeta, me concede,
por esse Deus que tu não conhecestes,
que eu fuja a este mal e ao que o excede,
que tu me levas lá onde disseste,
e a porta de S. Pedro se revele
e aqueles que tão tristes descreveste.»
Então moveu-se, e eu atrás fui dele.*

Um dia, quando fizeres as contas e descobrires
que o teu tempo chegou à sua metade, olharás
para a frente, sem saber se o que vês é sonho

ou realidade. Assim me aconteceu,
e nesse lugar obscuro, em que os instantes
se erguiam como troncos de uma floresta

feita de ponteiros que rodavam na cabeça,
sem que os pudesse deter, os pensamentos
empurravam-me para longe de mim. Ah,

pensamentos ásperos como feras de que
me quis libertar, correndo à sua frente
até perder a memória do que vivi: amores

antigos, as doces ilusões de quem acredita,
ainda, que a vida é fértil como um campo
de ilusória eternidade. Agora, nos confins

deste bosque tão obscuro como o destino
que perdi, uma sombra se ergue, de costas
para mim, como se não adivinhasse

que sou presença viva, também, agora que
o sol se ergue, iluminando o rosto desse
guardião dos que perderam o seu rumo.

«Segue-me», disse, «e abandona as tuas
esperanças, como despojos inúteis para
a tua caminhada. Esquece quem abraçaste,

quem te fez sonhar, ou esse corpo que um dia
desejaste, sem nunca o abraçar; e traz
contigo os versos em que o cantaste.»

Assim o poeta me obrigou a abandonar
quem fui, e com ele encontrei essa porta que
nunca pensei transpor, vendo como as almas

desses que esqueci vinham ao meu encontro,
num vento de imagens, e me abriam os olhos
para um rio sem fim, sem fonte nem estuário.

CANTO II

CATARINA NUNES DE ALMEIDA

CANTO II

O dia retirava-se, e o ar bruno
tolhia aos animais que há na terra
suas fadigas; e eu sozinho e uno
me aparelhava a sustentar a guerra
de tal caminho e de tal piedade,
que tratará a mente que não erra.
Ó musas, ó alto engenho, ajuda me ade;
ó mente que escreveste quanto vias,
cá se verá a nobre dignidade.
Eu comecei: «Poeta que me guias,
vê a virtude minha se é potente,
antes do alto passo que me fias.
Tu dizes que de Silvío o parente,
corruptível ainda, a imortal
século foi, e foi sensivelmente.
Porém, se o adversário a todo o mal
cortês lhe foi, pensando o alto efeito
que dele sairia, e o que e o qual
não soa indigno a homem de inteileito;
pois foi de alma Roma e seu império
lá no empíreo céu por pai eleito:
a qual e o qual, e o vero é critério,
estabelecida foi por loco santo
p'ra o sucessor de Pedro em magistério.
Por esta andada por que o louvas tanto,
ele ouviu coisas que foram razão
de sua vitória e do papal manto.

Lá foi depois o Vaso de eleição,
para trazer conforto àquela fê
que é princípio à via de salvação.
Mas eu, porquê lá ir? quem dá mercê?
Eu não Eneias, eu não Paulo sou;
digno de tal nem eu nem outro o crê.
Pelo que, se já convencido eu vou,
temo que a ida seja doidaria.
És sábio; entendes mais do que razão.»
E como o que não quer o que queria
e muda em nova ideia a proposta,
tal que do começar já se desvia,
assim eu fiz naquela escura costa,
porque, pensando, consumei a empresa
que foi no começar tão lesta posta.
«Se entendo tais palavras com clareza»,
responde do magnânimo essa sombra,
«tens ofendida a alma da vileza;
a qual o homem muita vez ensombra
tal que de honrada empresa é desviado,
como o ver falso à besta quando a assombra.
Deste temor p'ra seres libertado,
dir-te-ei porque vim e o que ouvi
mal me senti de ti apiedado.
Entre os que estão suspensos eu vivi,
e dama me chamou beata e bela,
tal que as suas ordens requeri.
Luziam os seus olhos mais que a estrela;
começou-me a dizer, suave e lhana,
com voz angélica, em sua loquela:

“Ó alma tão cortês e mantuana,
de quem no mundo a fama ainda dura,
e durará quanto ele se alontana,
o amigo meu, e o não é da ventura,
tão na deserta praia é impedido
no andar, que atrás voltou pela tremura;
e temo que já esteja tão perdido,
que ao seu socorro tarde eu vá levada,
p’lo que no céu eu dele tenho ouvido.
Vai, pois, e co’ a palavra tua ornada
e com o que é mister p’ra se salvar,
o ajuda, tal que eu seja consolada.
Eu sou Beatriz, a que te faço andar;
vim do lugar onde tornar desejo;
amor moveu-me, que me faz falar.
Quando for ante o meu senhor que vejo,
louvar-te-ei a ele muito bem.”
Calou-se então, e eu comecei no ensejo:
“Ó dama de virtude só por quem
a espécie humana excede o contento
sob o céu que menores cercos tem,
tanto me agrada o teu mandamento,
que obedecer, se já fosse, era tarde;
basta tão-só que me abras teu talento.
Mas diz-me a razão que não te guarde
de abaixo cá desceres neste centro
do amplo loco onde a tornar te arde.”
“Já que queres saber e tão por dentro,
eis brevemente”, respondeu-me airosa,
“porque não temo se aqui venho e entro.

Temer se deve a coisa poderosa
só com potência p’ra fazer-nos mal;
nenhuma mais, que não é pavorosa.
Eu sou feita por Deus, por mercê, tal,
que a vossa miséria não me tange,
nem chama deste incêndio me é fatal.
Dama há gentil, no céu, que se confrange
deste impedimento onde eu te mando,
tal que duro juízo acima frange.
Esta buscou Luzia, e a chamando,
disse: — Ora necessita o teu fiel
de ti, e eu o confio ao teu comando. —
Luzia, imiga de todo o cruel,
disse, movendo e vindo à minha beira,
onde sedia co’ a antiga Raquel:
— Beatriz, de Deus tu loa verdadeira,
pois não socorres quem te amou tanto,
por ti saído da vulgar fileira?
Não ouves a piedade do seu pranto,
não vês a morte que o combate atroz
naquela enchente que é do mar espanto? —
No mundo nunca alguém foi tão veloz
a achar proveito ou a fugir ao dano,
como eu, ante as palavras dessa voz,
aqui desci do meu beato escano,
fiando-me no teu falar honesto,
que te honra e a quem de ouvir-te é mano.”
Pois que este razoar foi manifesto,
o olhar luzente a lagrimar voltou,
por que me fez do vir assim mais lesto.

*E vim a ti como ela desejou:
e te tirei da frente dessa fera
que ao belo monte o curto andar vedou.*

*Então: porque é? porquê, porquê a espera?
porque no cor vileza tal agitas,
porque firmeza e audácia não te esmera,
pois que de ti três damas tão benditas
na corte lá do céu cuidam com zelo,
e o meu falar promete a ti tais ditas?»*

*Como florinhas p'lo noturno gelo
curvas, reclusas, se o sol as embranca,
se erguem, abertas no seu pedicelo,
assim fiz eu da mia virtude manca,
e tanta boa audácia ao cor correu,
que eu comecei como pessoa franca:*

*«Oh, piedosa a que me socorreu!
e tu cortês que cedo obedeceste
logo às palavras veras que te deu!*

*Tão com desejo o cor me dispuseste
ao vir com as palavras dessa hora,
que ao primeiro intento eu tornei preste.*

*Vai, que é um só querer de ambos agora:
tu guia, tu senhor e tu meu mestre.»*

*Assim lhe disse; e após mover-se embora,
entrei pelo caminho alto e silvestre.*

PRANTOS E JÚBILOS DE BEATRIZ

I

Apesar de escura a selva eu vi
um coração de homem
doente de humanidade.

II

Repouse o homem em cima ou em baixo
mais a norte ou mais a sul
a oriente ou a ocidente
eu sou uma em suas noites
eu sou a pura de olhar.

III

A casa de deus é o homem
o todo-habitável.
O homem está para deus como o rio está
para as aves do rio.

IV

Ergue-te por ti mesmo
ó coração tranquilo
brilha por ti mesmo
ó coração tranquilo
contempla a minha palavra
rejubila nela.
Estamos entrelaçados.

V

Tens os meus dedos
voltados para cima
como os pilares de um templo.
Possas a minha boca atingir a altura do teu nome.

VI

Ah, a mortal criança
e a sua ama de deleite.

VII

Eis-me — ei-lo:
o coração puro
dentro da carne pura.

VIII

Levanta-me a saia e a escrita
com a mesma mão
que seja muito ténue o véu entre os mundos
e nós
só um do outro
alimentados.

IX

Tu és solene como um vinho de altar
e eu digo sim
sim à alegria de um dente que germina
sim ao jardim espelho
sim à viagem milimetricamente de braços.

CANTO III

LUÍS QUINTAIS

POETAS DE DANTE

foi composto em Dante, tipo de letra
desenhado por Giovanni Mardersteig,
e impresso na Eigal, Indústria Gráfica,
em papel CoralBook de 80 g, em Dezembro de 2021.